

POEMAS QUE DORMEM COMIGO

Luiz Pinheiro,¹ São Paulo

luizpinheirodecantor@gmail.com

Fazer poemas é combinar palavras como notas musicais para criar uma melodia, e esperar que ela nos toque e nos diga algo de interessante. É desse arranjo que surgem os significados. Raramente parto de ideias para fazer um poema. Elas surgem do ato criativo. Ainda que haja alguma ideia anterior, ao tentar passá-la para o papel ela já se faz outra. No fazer do poema são as palavras que apontam o caminho. Não escrevo apenas para dizer o que penso, mas para que o poema me diga algo que ainda não sei e/ou de um modo ainda não dito. Em muitos deles, abordo o fazer poético em si, que me é tão caro e sem concessões. Ser psicanalista me obriga a pensar profundamente as questões humanas, o que torna inevitável que esse exercício transpareça em minha escrita. Estou interessado no que se encontra por trás dos fatos, daquilo que não pode ser dito, só sonhado, aquilo que está no espaço entre as palavras.

Faz parte da minha experiência de que na escrita psicanalítica, assim como na poesia, uma concentração de palavras e de significado faz uso do poder da linguagem para sugerir o que ela não pode dizer.
(Thomas Ogden)

Garrafa

Estou lançando minha garrafa ao mar
Tantos anos guardada
Temerosa de vulgaridade
Para ser navegada, ancorada
Acariciada

Estou lançando minha garrafa ao mar
Essência pura, embalada
Temerosa de tempestade
Para ser deflorada, devorada
Bem decifrada

Estou lançando minha garrafa ao mar
E admito a hipótese de ela não ser encontrada

1 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Psiquiatra e psicanalista formado pelo Instituto Sedes Sapientiae. Poeta e compositor, tem músicas gravadas por Cássia Eller, Arrigo Barnabé, Vânia Bastos, Hermelino Neder e outros. Três discos gravados: *Cássia Secreta*, *Decompôr* e *3,1415* (Contemplado pelo Proac). Autor do livro *Poemas que dormem comigo*, projeto agraciado com o Prêmio Aldir Blanc de apoio à cultura da cidade de São Paulo.

Brio

Não quero mais
o ócio dos ópios
nem a alegria fácil
dos cios

Não quero calor
que me traga frio
nem beleza
que só dê arrepio

Quero o silêncio
do vazio e a voz
do homem incompleto
com brio

Dos ímpios
nem um pio

Paixão

Eu não existo,
foi você quem me inventou.
Toda paixão
Inflama aquilo que ama;
reclama
O que, por direito, não sou.
E, às cegas,
o coração que se entrega
às chamas
não sabe por quê
nem por quem se queimou.